



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

MARGARETE APARECIDA GONÇALVES

**AUTISMO: O PAPEL DO PROFESSOR NO AUXÍLIO DO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E NA SOCIALIZAÇÃO**

PARANAGUÁ

2018

MARGARETE APARECIDA GONÇALVES

AUTISMO: O PAPEL DO PROFESSOR NO AUXÍLIO DO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E NA SOCIALIZAÇÃO

Artigo apresentado como requisito parcial à
conclusão do Curso de Especialização em
Gestão de Processos de Educação, Diversidade
e Inclusão da UFPR Litoral.

Orientadora: Prof.^a Wandecy Dutra

PARANAGUÁ

2018

AUTISMO: O PAPEL DO PROFESSOR NO AUXÍLIO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E NA SOCIALIZAÇÃO

Margarete Aparecida Gonçalves Ferreira

RESUMO

Este estudo relata alguns olhares de professores do ensino regular que participaram do grupo de multiplicação do GPEDI, do polo da Escola Municipal “Professor João Rocha dos Santos” sobre a realidade da inclusão escolar de alunos autistas. Refletindo sobre práticas pedagógicas utilizadas para o auxílio do desenvolvimento da linguagem oral e na socialização do autista no contexto escolar, leis que garantem a educação inclusiva. Salientado intervenções através do uso de tecnologias assistivas, algo muito novo para os cursistas. Relato brevemente como essas intervenções são importantes para que aja a interação do aluno autista e o efetivo desenvolvimento. Com o levantamento de dados através de questionário semiestruturado, observou-se que os profissionais da educação almejam são capacitações mais efetivas.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Qualidade e excelência. Autismo.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é verificar de que maneira os professores tem estabelecido e ou estimulado a oralidade de alunos autistas, visto que a comunicação em pessoas autistas, é uma área bem prejudicada. Para a realização do mesmo, foi realizado com quatro professores do grupo que tem, ou tiveram incluídos em suas salas de aula, alunos autistas, uma entrevista semiestruturadas e os dados foram submetidos à análise de conteúdo de maneira qualitativa.

O resultado revela que as principais dificuldades incluem a falta de capacitação dos profissionais em educação para trabalharem com a diversidade dos alunos e adequarem conteúdos pedagógicos para o trabalho com os mesmos.

Diante dos dados, conclui-se que houveram avanços na qualidade da Educação Inclusiva, mas será sempre necessária a oferta de cursos de capacitação de boa qualidade aos profissionais da educação de inclusão de alunos autistas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade está composta por diversidades humanas. Cada indivíduo possui suas próprias singularidades que o difere dos demais. As diferenças estão presentes na sociedade e respeitar e valorizar essa condição é uma forma de construir uma sociedade mais justa.

Numa perspectiva de educação Inclusiva, as escolas devem aceitar e receber as diferenças individuais. Há algum tempo, as discussões acerca das ideias sobre diversidade, desigualdade e diferença vêm sendo objeto de discussões principalmente na área da educação. As discussões buscam priorizar uma cultura que valorize as diferenças.

Dentro dessas especificidades existem os indivíduos diagnosticados com autismo ou Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com dados da ONU (Organização das Nações Unidas), cerca de 1% da população mundial – ou um em cada 68 crianças – apresenta algum transtorno do espectro do autismo.

Crianças com esse diagnóstico apresentam dificuldades significativas em sua comunicação com outros indivíduos e na interação social, algumas podem apresentar também movimentos repetitivos de maneira estereotipada, os sintomas variam de indivíduo para indivíduo e costumam aparecer antes dos três anos de idade.

Relacionar-se com outras pessoas costuma não ser importante para os autistas, e a fala frequentemente é usada com dificuldade.

A fala para o ser humano é muito importante, pois é através dela que nos comunicamos, manifestamos nossos sentimentos, desejos e opiniões.

Em 2017, tive uma experiência com um aluno autista e inicialmente não foi nada fácil, depois que recebi orientações de profissionais da Secretaria de Educação de Pontal do Paraná, sobre uso de tecnologia assistiva para autista, minha interação com ele mudou muito e então ele começou a aprender e a se socializar melhor com colegas. Foi muito gratificante e enriquecedor, aprendi também a ver o autista, respeitá-lo no seu mundo mais abrindo um canal para que ele pudesse entrar no meu também.

Atualmente, estudos mostram que a utilização de tecnologia assistiva, uso de pranchas de comunicação, vem demonstrando seu valor na comunicação com os autistas, mas como tem sido a comunicação de alunos autistas com seus mediadores que não conhecem essa estratégia? Como eles têm desenvolvido sua capacidade de comunicação? Quais são as estratégias usadas pelos mediadores de alunos autistas? Desenvolvem algumas pedagogias alternativas?

O AUTISTA NA ESCOLA

Cada vez mais, escolas regulares da rede pública de ensino, vem recebendo alunos diagnosticados com autismo. Esses alunos são caracterizados como alunos de inclusão, e seu acesso, permanência e aprendizagem na escola estão assegurados pela Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, e regulamenta que, para efeitos legais, ela é considerada pessoa com deficiência e assegura o seu direito à educação num sistema educacional inclusivo em classes comuns de ensino regular (BRASIL, 2012).

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

Art. 3º- São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: III- o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2o, terá direito a acompanhante especializado.

A legislação favorece a inclusão desses alunos, dando a eles direito ao ensino, porém não basta só depositar o autista na escola, para atender o público é necessária uma escola inclusiva de verdade, que atenda a diversidade humana como Montoam (2003, p. 12) reforça:

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. Nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento, e nesse vazio de idéias, que acompanha a crise paradigmática, é que surge o momento oportuno das transformações.

Aqui a autora deixa claro que a sociedade se modificou e estamos vivendo um momento onde se necessita da urgência de uma concepção de escola que deve atender a todos os alunos, a escola precisa se reestruturar seu ensino e suas práticas excludentes.

Nesse ponto de vista, é indispensável que o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), possa aprender e ao mesmo tempo colaborar com os seus pares, sendo essencial que o aluno com autismo aprenda junto com os seus colegas para que eles possam fazer trocas de experiências, assim a escola será para todos. Essa prática pedagógica que inclui, proporciona a participação e a aprendizagem do aluno com TEA.

Ainda nas palavras de Mantoan (2003, p. 30): “[...] condições que contribuem para que as escolas se tornem espaços vivos de acolhimento e de formação para todos os alunos e de como transformá-las em ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos”.

O padrão de comportamento autístico toma a forma de uma tendência que impõe rigidez e rotina a uma série de aspectos do funcionamento diário, tanto em atividades novas como em hábitos familiares e brincadeiras, observa Cunha (2009, p.28)

Para o professor estabelecer diálogo com alguns autistas é realmente uma tarefa difícil, que exige muita dedicação, estudos que facilitem o entendimento e informações sobre TEA, a fim de facilitar o possível entendimento de comportamento de alunos autistas e determinação.

Alguns estudos trazem a Comunicação Alternativa como metodologia para facilitar o processo de comunicação com autistas. O desenvolvimento dessa tecnologia vem proporcionando a estudantes com autismo novas condições de aprender por meio de ocasiões e meios inusitados (LÉVY, 1999).

Softwares desenvolvidos especialmente para a mediação da aprendizagem de pessoas com TEA são exemplos de uso com a tecnologia assistiva. Por vezes chamadas de softwares para comunicação alternativa (CA), propõem a comunicação “por meio de símbolos, imagens, textos ou síntese de voz, no computador” (ITS BRASIL, 2008, p. 43). São ferramentas importantes para auxiliar no desenvolvimento da oralidade e servem como suporte de mediação de situações sociocomunicativas.

Nessa perspectiva de ajuda, o objetivo maior destas estratégias é o de “prevenir, compensar, aliviar ou neutralizar uma deficiência, incapacidade ou desvantagem e melhorar a autonomia e a qualidade de vida dos indivíduos” (ITS BRASIL, 2008).

O USO DE TECNOLOGIA ASSITIVA COM AUTISTAS

Pessoas com autismo são em geral caracterizadas pela dificuldade que possuem em estabelecer relações sociais e de comunicação com outras pessoas, porque não entendem a função da linguagem. Estudos mostram que a maioria conseguem verbalizar algumas palavras. Sobre isso Gillberg define que:

Estudos epidemiológicos tem apontado que 70% dos indivíduos com autismo apresentam deficiência mental. Somente 30% apresentam um perfil cognitivo caracterizado por uma discrepância entre as áreas verbal e não-verbal em testes padronizados. Nesses indivíduos, geralmente não se identificam problemas na área não-verbal (ex.: habilidades visuomotoras), podendo esta inclusive estar acima do esperado para a idade cronológica. (GILLBERG, 1990, in: Baptista e Bossa, 2002, p.32)

Levando em consideração essas características dos autistas, é comum que pais e educadores encontrem dificuldades ao se relacionarem com os autista, bem como em ensiná-los algo.

Segundo Cunha (2009, p.73), apesar de não existir um consenso quanto às abordagens de tratamentos mais adequadas para o autismo, porém para auxiliar existem intervenções comportamentais que tem se mostrado bem efetivas que facilitam a aprendizagem destes alunos, sendo alguns deles: ABA, PECS e TEACCH.

Como Mello (2001) ressalta, o método ABA (Análise aplicada do comportamento), é um método de comportamento indutivo que auxilia no ensino de habilidades por etapas onde o aluno recebe instruções para agir de maneira positiva, se cumprir recebe recompensas. O plano é desenvolvido de maneira individualizada. Segundo a autora o método recebe críticas por ter caráter de adestramento.

Outro método é o de PECS (Sistema de Comunicação através de trocas de figuras), este auxilia não somente autista, mas outras pessoas que apresentem dificuldade de comunicação verbal. Baseia-se em pranchas com figuras de atividades diárias onde aponta o que se deseja, facilitando muito a comunicação. Também é possível a representação de frases mais complexas com o passar do tempo de adequação ao método.

As PECS são muito úteis também no trabalho com a rotina porque fica muito simples e previsível para o aluno o que irá acontecer.

Experimentei o método com um aluno autista, fui orientada por profissionais da Secretaria de Educação de Pontal do Paraná, e obtive bons resultados com a técnica. O aluno demonstrava mais confiança, segurança e aprendia com mais rapidez o que lhe era proposto.

O (Tratamento e Educação para crianças autistas e com distúrbios de comunicação), mais conhecido como TEACCH, é outro método bem difundido em todo mundo para auxílio no desenvolvimento do autista. Gomes e Silva, 2007, afirmam que o método é muito útil para avaliar o aluno, pois trata-se de

exercícios semi estruturados, facilitando o entendimento do que é para ser realizado pelo aluno, proporcionando assim mais confiança e segurança.

Conhecer esses métodos foi fundamental para garantir ao aluno que ele pudesse aprender durante o Atendimento na sala de AEE, naquele tempo em que estava comigo e outros colegas na sala.

A sensibilidade do professor é fundamental para o uso correto das técnicas que são facilitadoras na construção do conhecimento para o aluno autista.

METODOLOGIA

Para a produção desse artigo utilizou-se a metodologia qualitativa, com uso de questionário com perguntas semiestruturadas, a quatro cursistas da multiplicação do GPEDI, como instrumento de levantamento de dados. Cada cursista respondeu individualmente, partindo das discussões ocorridas na multiplicação e suas próprias experiências em sala de aula com alunos autistas.

Os dados levantados foram analisados buscando responder como se dá o processo de interação do aluno autista na escola e as dificuldades encontradas pelo professor para melhor atender esses alunos.

RESULTADOS

Com as discussões ocorridas na multiplicação GPEDI e levantamento de dados coletados através do questionário, observou-se que os professores tem inúmeras dúvidas e não se sentem preparados para trabalhar com alunos autistas. A falta de capacitações e um apoio pedagógico através de políticas públicas que viabilizem a busca do conhecimento necessário e a união dos saberes dos demais profissionais envolvidos neste contexto, deveria ser viabilizado para melhor atender o autista e sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas abordagens de práticas pedagógicas vêm sendo desenvolvidas para melhor adequar os autistas e certas intervenções tem sido bem positivas. No entanto, muito ainda precisa se fazer para que os professores se sintam mais

confortáveis em suas práticas docentes com alunos autistas. Capacitações mais efetivas e inovadoras devem ser oferecidas com maior frequência, englobando todos os profissionais da educação.

REFERENCIAS

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL (ITS Brasil). **Tecnologia Assistiva nas escolas: Recursos básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência**. Microsoft/Educação, 2008. 62 p.

KANNER, L. **Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo**. Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk. Disponível em: < [Http://www.ama.org.br](http://www.ama.org.br). acessado dia: 14/09/2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 272 p.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar). Disponível em: <<https://acessibilidade.ufg.br>. Acessado dia: 26 de agosto de 2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.